



GT 62. Novos conservadorismos, populismos e liberalismos: perspectivas etnográficas

Coordenador(es):

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Piero de Camargo Leirner (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

A presente década tem sido marcada pela ascensão de lideranças políticas representando a chamada extrema ou nova direita, alt-right, entre outras denominações. É o caso de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil. Esses atores têm realizado investidas no debate público, intensificando controvérsias e desafiando noções e categorias já canonizadas na epistemologia científica, política, social, filosófica e econômica, tais como “direitos” e “democracia”. Na literatura antropológica e de áreas afins, assim como na esfera pública mais ampla, esses processos têm sido abordados através das chaves analíticas dos “novos” conservadorismos, populismos e liberalismos, em autores como Jean e John Comaroff, Loic Wacquant, Wendy Brown, Melinda Cooper, Philip Mirowski, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Judith Butler, Veena Das, Achille Mbembe, Bruno Latour, Nancy Fraser. O GT pretende oferecer um fórum para discussão de pesquisas antropológicas que vêm abordando essa constelação a partir de múltiplos ângulos, incluindo, mas não se limitando a: novas direitas, bolsonarismo, lavajatismo, cultura neoliberal, intervencionismo militar, terraplanismo, comunicação e mídias digitais, movimentos sociais, novas formas de ativismos, conservadorismo religioso, fake news e pós-verdade. Procuramos preferencialmente trabalhos de cunho etnográfico realizados no Brasil, ou em perspectiva comparada, mas consideraremos também pesquisas de outras ordens, e realizadas em outros países.

A Extrema Direita vai ao Congresso Nacional - primeiras notas de uma investigação sobre a presença de grupos de pressão conservadores no Congresso Nacional

Autoria: Tiago de Aragão Silva (UNB - Universidade de Brasília)

Este artigo apresenta as primeiras reflexões advindas da pesquisa de doutorado acerca da presença do neoconservadorismo/extrema direita no Congresso Nacional na atual legislatura, tendo nesse artigo dois eixos-guias para essa construção: i) a atuação de grupos de pressão conservadores em torno de temas relacionados às pautas de valores e costumes e a tramitação de projetos de interesse do Governo Bolsonarista, com destaque para a votação dos vetos presidenciais e projetos sobre emenda impositiva; e ii) etnografar a performance parlamentar de Eduardo Bolsonaro e a construção de uma imagem da direita bolsonarista. Eduardo Bolsonaro tem se destacado nessa legislatura como o principal parlamentar desse bloco da extrema-direita, tendo protagonismo na produção de um repertório de atuação que influencia parlamentares e ativistas conservadores/bolsonaristas. Essa investigação tem privilegiado a Câmara dos Deputados como ponto de partida para a compreensão desses fluxos e desses contextos dinâmicos de experiências vividas? (Teixeira, 2014), seguindo/analizando um entremeado de ações e disputas em torno dessas discussões e das tramitações desses projetos de lei. Os acontecimentos relacionados às tramitações de proposições concentram-se nos espaços legislativos, no entanto, assim como suas ações, resta à pesquisa acompanhar a concatenação de ações que repercute em outros espaços e esferas do Estado, organizações da Sociedade Civil Organizada, imprensa e redes sociais.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: